J. DANTAS

SÓROR MARIANA

RB182,566

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

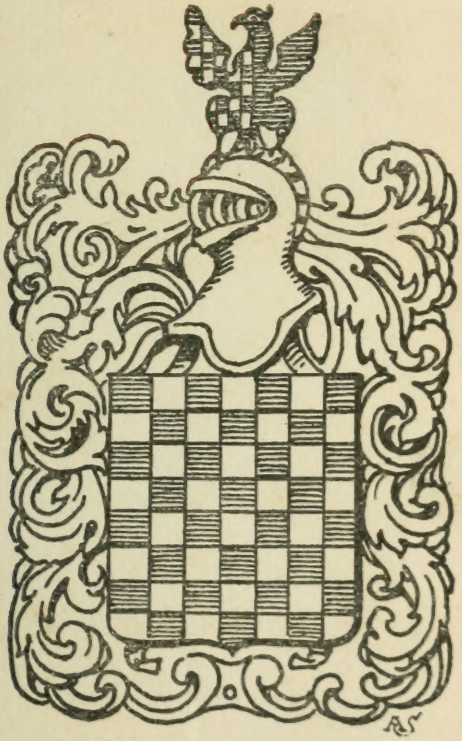
Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/srormarianape00dant

JÚLIO DANTAS

SÓROR MARIANA

Peça em I acto.



PORTO

Na Oficina da LIVRARIA CHARDRON de LELO & IRMÃO
-Editores-Rua das Carmelitas 144.

M. CM. XV.

SÓROR MARIANA

Peça em 1 acto, representada no Teatro do Gimnásio, de Lisboa, em 20 de outubro de 1915

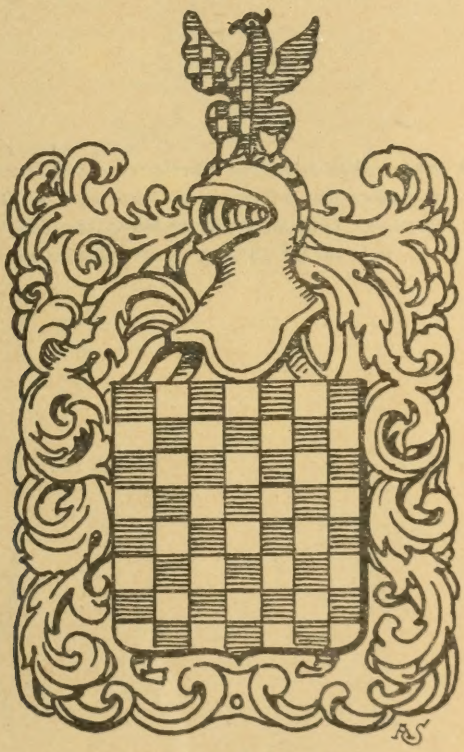
Obras de Júlio Dantas

Nada (1896) — 2.ª edição.
Doentes (1897).
O que morreu de amor (1899) — 3.ª edição.
Viriato Trágico (1900).
Poetas e pintores de Rilhafoles (1900).
A Sevéra (1901) — 2.ª edição.
Crucificados (1902) — 2.ª edição.
Ceia dos Cardeais (1902) — 20.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 2.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 2.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) — 2.ª edição.
Rei Lear (1905).
Rosas de todo o ano (1907) — 4.ª edição.
Mater Dolorosa (1908).
Estática e dinâmica da fisionomia (1908).
Outros tempos (1908).
Santa Inquisição (1910).
O Primeiro Beijo (1911) — 2.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912).
O Reposteiro Verde (1912).
1023 (1914).
Figuras de ontem e de hoje (1914).
Pátria Portuguesa (1914) — 2.ª edição.
Ao ouvido de M.me X (1915).
O amor em Portugal no século XVIII (1915).
Sóror Mariana (1915).

JÚLIO DANTAS

SÓROR MARIANA

Peça em I acto.



PORTO

Na Oficina da LIVRARIA CHARDRON de LELO & IRMÃO
-Editores-Rua das Carmelitas 144.

M. CM. XV.

A propriedade literária e artística está garantida em todos os países que aderiram á Convenção de Berne — (Em Portugal, pela lei de 18 de Março de 1911. No Brasil, pela lei n.º 2577 de 17 de Janeiro de 1912).

PORTO — IMPRENSA MODERNA

AO ILUSTRE JORNALISTA

AVELINO DE ALMEIDA

Lothario Pilla (Calçada)

M. Maria Augusta Lothario

20-11-915

FIGURAS

A Abadessa	D. Maria Matos
Sóror Mariana	D. Luísa Lopes
Sóror Inês	D. Celeste Leitão
Sóror Simôa	D. Berta de Albuquerque
Sóror Agostinha . . .	D. Luísa Silva
D. Frei Francisco de S. Diogo, bispo de Beja .	Francisco Mendonça de Carvalho
Noel Bouton, conde de Chamilly	Mário Duarte

Freiras de véu preto. — No convento da Conceição de Beja. — Século XVII

SÓROR MARIANA

Casa do capítulo no mosteiro da Conceição de Beja. Ao F., centro, grande janela de rótulas, em arco redondo, com poiais. Silhares de azulejo do século XVI. Chão de tijolo. Portas à E. alta e baixa, e à D. alta e baixa: a primeira, para onde se sobe por uma escaleira de pedra de dez degraus, dá caminho para o corredor das celas; a segunda, para a portaria de dentro; a terceira, para o côro de cima; a quarta, para um cirado. Bancos capitulares em volta. Cadeira abacial à D., entre as portas, sôbre um tapête de Arraiolos. Dois tamborêtes de sola, do século XVII, com ferragens. Um tocheiro de ferro da altura de um homem.

Quando se levanta o pano, a escuridão é completa. Momentos depois, na E. alta, ao tôpo da escada, vê-se bruxulear uma luz: é SÓROR MARIANA ALCO-

FORADO *que desce, a mêdo, uma candeia acesa na mão. Hábito e manto das terceiras claristas, de estamenha côr de cinsa, sem roda; touca branca de beatilha chã, descendo até aos peitos; véu preto; cordão de linho cânhamo; uma volta de rosário ao pescoço. A seguir, desce um homem moço, tipo de capitão de cavalos; bigode loiro, pequeno, Richelieu; chapéu holandês; coura de anta; balona branca, derrubada; calças vermelhas de berri de França; espada enorme; cachimbo na bôca; capa no braço: é* NOEL BOUTON; CONDE DE CHAMILLY E DE SAINT LEGER. *Por último, outra freira surge, também com uma candeia acesa na mão: é* SÓROR INÊS DE JESUS. *Emquanto as duas primeiras figuras descem, encaminhando-se para a D. baixa,* SÓROR INÊS *fica vigiando no tôpo da escada.* CHAMILLY, *em todas as frases que se seguem, é sacudido, sêco, indiferente;* SÓROR MARIANA, *que atravessa a scena amparada ao braço do oficial francês, numa atitude de ternura, de fadiga e de abandôno, tem em todas as suas palavras, em todos os seus gestos, a expressão exaltada e ardente das grandes paixões.*

CHAMILLY

Adeus.

SÓROR MARIANA

Espera. Um instante mais. Deixa-me beijar a tua bôca, Noel.

CHAMILLY

É madrugada.

SÓROR MARIANA

Aperta-me bem nos teus braços. Faze-me doer. Noel. Sinto-te no meu sangue, na minha alma.

CHAMILLY, *afastando-a :*

Adeus.

SÓROR MARIANA, *pousando a candeia de ferro sôbre a cadeira abacial e voltando a* CHAMILLY :

Porque me deixas tu? Porque não ficas tu em Beja comigo? Porque não me levas tu para França? Porque me deixas neste mosteiro, nesta solidão, — neste inferno!

CHAMILLY, *num movimento para a D. baixa :*

Mandam-me partir. É a lei da guerra.

SÓROR MARIANA, *retendo-o nos braços :*

Tu vais bater-te outra vez? Mas

tu não me disseste nada! Tu vais bater-te outra vez, Noel?

SÓROR INÊS, *do alto da escada, apagando a candeia:*

Mariana! Apaga a luz. — Vem gente.

SÓROR MARIANA *desprende-se dos braços de* CHAMILLY *e corre a apagar a candeia. — A scena recái na escuridão. Apenas pelas rótulas da janela do F. se adivinha a madrugada, num vago estremecimento luminoso.*

SÓROR MARIANA, *num murmúrio:*

Noel!

CHAMILLY

Larga-me.

SÓROR MARIANA

E se te matam, Noel!

CHAMILLY

As balas fogem de mim. Adeus.

SÓROR MARIANA

Tu voltas? Dize... Voltas?

SÓROR INÊS, *do alto da escada, impondo silêncio:*

É a sacristã-menor, que vai tanger o sino para o côro...

Sente-se um ferrolhar de chaves, pelos corredores.

SÓROR MARIANA, *passado um momento:*

Um beijo! Mais um beijo só!

CHAMILLY

Deixa-me. É madrugada.

SÓROR MARIANA

Só um beijo!

Durante alguns segundos, sente-se apenas, na escuridão, um murmúrio de beijos. O sino do mosteiro toca para o côro.

SÓROR INÊS

Hora de prima... — Desça depressa, senhor de Chamilly!

SÓROR MARIANA

Quando o teu esquadrão passar pelo convento, manda tocar os clarins!

CHAMILLY

Sim.

SÓROR MARIANA

Bem alto. Todos os clarins! Para eu sentir a tua alma que passa! Noel!

CHAMILLY

Sim.

SÓROR MARIANA, *num grito, quando* CHAMILLY *lhe foge dos braços:*

Noel!

CHAMILLY

Adeus.

SÓROR MARIANA, *que tropeça num tamborête, na escuridão, ao querer reter* CHAMILLY:

Noel!

SÓROR INÊS, *depois dum silêncio, aproximando-se:*

Desceu?

SÓROR MARIANA, *cuja voz se ouve já fóra, no eirado:*

Noel!

SÓROR INÊS, *aproximando-se mais, depois dum novo silêncio:*

Desceu?

SÓROR MARIANA, *num soluço:*

Desceu.

SÓROR INÊS, *vindo ao encontro de* SÓROR MARIANA

Mariana! Eu tenho mêdo! Eu tenho mêdo de ti! Pela nossa madre Santa Clara, pelas lágrimas que chorámos juntas na nossa profissão, — não recebas mais êsse homem, que te perdes!

SÓROR MARIANA

Perdida já eu estou!

SÓROR INÊS

Se um dia nos surpreendem, que há-de ser de nós! — Suplico-te, minha irmã! Fala-lhe da grade. Eu acompanho-te na grade sempre que tu quiseres. Mas não recebas mais êsse homem, de noite, no mosteiro. É um homem capaz de tudo. É um capitão de cavalos, um aventureiro que vem correr os acasos da guerra...

SÓROR MARIANA

Pertence à melhor nobreza de França.

SÓROR INÊS

Há-de ser o primeiro a apregoar a tua desonra!

SÓROR MARIANA

E eu cubro-o de beijos!

SÓROR INÊS

Há-de mentir-te, escarnecer-te, abandonar-te.

SÓROR MARIANA

E eu adoro-o ainda mais.

SÓROR INÊS

Mas tu não vês que esta paixão é um sacrilégio?

SÓROR MARIANA

Nunca amei tanto a Deus!

SÓROR INÊS

Lembra-te da mortalha do teu hábito!

SÓROR MARIANA

Nunca me senti tão viva!

SÓROR INÊS

Lembra-te, ao menos, da desonra do teu nome!

SÓROR MARIANA

Nunca me senti tão pura!

SÓROR INÊS, *chorando:*

Mariana! Mariana!

SÓROR MARIANA, *cuja figura começa a adivinhar-se, como uma sombra, na luz azul da madrugada:*

Porque choras?

SÓROR INÊS

Peço a Deus que te salve, minha irmã.

Torna a ouvir-se o sino. A comunidade passa para o côro. As freiras descem silenciosamente a escada e atravessam a scena dirigindo-se para a D. alta. Cada uma delas traz na mão a sua candeia de ferro de um lume, acesa. À frente vem a ABADESSA, *velha, rugosa, apoiada a uma bengala, grande cruz peitoral, óculos redondos de coiro, enormes. Ao lado da* ABADESSA, *segue* SÓROR AGOSTINHA, *freira de véu branco. Depois, as jerarquias. É uma procisão lenta de luzes e de sombras.*

A ABADESSA, *que distingue na D. baixa os vultos das duas freiras, levanta a candeia, entesta a mão sôbre os olhos para vêr melhor, destaca-se e desce, emquanto a comunidade continúa a desfilar em silêncio:*

Quem está aí?

SÓROR INÊS, *subindo:*

Sou eu, senhora Abadessa.

A ABADESSA

Quem?

SÓROR INÊS

Sóror Inês. — Ia para o côro. Apagou-se a luz da minha candeia.

Ouve-se bater, fóra, a pesada aldraba do portão do mosteiro.

A ABADESSA

E a outra freira, quem é?

SÓROR MARIANA

Sóror Mariana, reverenda Madre.

A ABADESSA, *a* SÓROR MARIANA, *emquanto* SÓROR INÊS *acende a candeia;*

Também a Vossa Caridade se apagou a luz?

SÓROR MARIANA

Foi o vento.

A ABADESSA

Se Vossas Caridades tivessem vindo com a comunidade, já não se lhe apagavam as candeias. Ovelhas querem-se com o rebanho. *(As duas freiras seguem com as últimas religiosas de véu preto. Ouve-se, outra vez, bater à aldraba do portão conventual).* Sóror Agostinha, veja quem bate a estas horas.

SÓROR SIMÔA, *freira de véu branco, assomando, assodada, na porta de E. baixa:*

Reverenda Madre! É o senhor Bispo.

A ABADESSA

O senhor Bispo? — Depressa, sóror Agostinha! A mitra, o gremial, o báculo! *(Dando a candeia a* SÓROR SIMÔA). Quero receber Sua Ilustríssima na portaria.

O BISPO, *hábito de bernardo, murça, capa, cruz peitoral de oiro, chapéu episcopal, entrando pela E. baixa, numa expressão de preocupação evidente:*

Não se moleste Vossa Reverência. Eu sei o caminho.

A ABADESSA

Deus traga Vossa Senhoria Ilustríssima. A comunidade está no côro. *(A* SÓROR SIMÔA, *que acende o tocheiro de ferro)* Leve a almofada de damasco, Sóror Simôa. Sua Ilustríssima acompanha-nos nos ofíciòs divinos.

O BISPO

Não. Espero aqui Vossa Reverência. Os ofícios de prima são curtos. *(Depois dum silêncio, durante o qual a* ABADESSA *torna a receber a candeia das mãos de* SÓROR SIMÔA). Onde fica o eirado donde se vêem as portas de Mértola?

A ABADESSA

Além, senhor Bispo.

O BISPO

Tenha Vossa Reverência a caridade de me dar a sua candeia.

A ABADESSA, *dando a candeia ao* BISPO:

Quer Vossa Ilustríssima que o acompanhe?

O BISPO *desaparece no eirado da D. baixa. A* ABADESSA, *sem compreender o que se passa, segue-lhe os movimentos.* SÓROR

AGOSTINHA *surge na D. alta, com a mitra e o báculo, de cuja cabuta doirada pende um pequeno sudário. Passado um instante, o* BISPO *volta, dando a candeia a* SÓROR SIMÔA.

O BISPO, *à* ABADESSA:

Preciso de falar à puridade com Vossa Reverência.

A ABADESSA, *a* SÓROR AGOSTINHA, *que deixa a mitra e o báculo sôbre a cadeira da* ABADESSA:

Diga à reverenda madre-vigária que não vou ao côro. *(Ao* BISPO) Estou aos pés de Vossa Ilustríssima.

SÓROR AGOSTINHA *sái. O* BISPO *assenta-se num dos tamborêtes de sola. A* ABADESSA, *no outro. A luz do tocheiro de ferro alonga-lhes as sombras sôbre o chão de tijôlo.* SÓROR SIMÔA *pousa a candeia sôbre um dos poiais da janela. Começa a amanhecer. O* BISPO *tira da manga do hábito um lenço vermelho, alentejano, e uma caixa de rapé, de prata chã. Tabaqueia, solenemente. Depois, oferece à* ABADESSA, *que olha em volta não a veja alguma freira, e tabaqueia também.*

O BISPO

Há já uma bôa hora andada, foram acordar-me à minha pobre cama franciscana para me entregarem uma carta. Nessa carta diziam-se tão espantosas coisas, que eu só tive o tempo de enfiar o hábito, de mandar meter os urcos ao côche, e de abalar para aqui. *(Mete na manga o lenço e a cai-*

xa do rapé; tira um papel dobrado). Quando cheguei, ainda era noite cerrada. Para não deixar de observar as constituições e a regra, esperei ali defronte, no terreiro da Feira, que apontasse a manhã e tangesse o sino de prima. Foi então que tive, pelos meus próprios olhos, a confirmação do que dizia êste papel. Pela primeira vez, desde que sou bispo e frade, senti a falta de um par de pistolas nos coldres dos meus machos! — Senhora Abadessa, acabo de vêr saír um homem dêste mosteiro.

A Abadessa

Um homem? — Vossa Ilustríssima viu saír um homem de...

O Bispo, *serenamente:*

Vi.

A Abadessa

Aí está porque me faltam todos os dias galinhas na capoeira. Os ladrões andam-me em cima da criação, senhor Bispo. É preciso que Vossa Ilustríssima escreva ao senhor governador da praça. Emquanto não levantarem polés por essas ruas de Beja e não apolearem meia dúzia de ladrões, não me folgam nem os bácoros, que ainda a semana passada me furtaram três duma cria!

O Bispo

Tem razão Vossa Reverência. Trata-se dum ladrão. Mas desta feita o ladrão não desceu pela cêrca. Saltou por ali, pelo muro do eirado. — Vinha do convento.

A Abadessa, *sem perceber:*

Por ali?

O Bispo

Vá Vossa Reverência vêr. Ainda lá está, amarrada à pilastra, a corda por onde êle desceu. Segui-lhe a sombra. Senti retinir-lhe a espada. Passou a par do meu côche. Conheci-o. Não era um ladrão das suas galinhas, senhora Abadessa. Era um ladrão da honra dêste mosteiro.

A Abadessa

Mas Vossa Ilustríssima está certo de que viu descer um homem?

O Bispo

Antes fôsse um lôbo, — e eu tivesse uma clavina nas mãos!

A Abadessa, *tremendo, numa aflição:*

Senhora Santa Clara!

O Bispo

Não se perturbe Vossa Reverência. Eu faço inteira justiça ao seu zêlo de prelada. Não esqueço que, durante o Abadessado de Vossa Maternidade, esta casa de Deus e de S. Francisco tem sido espelho de observância. Mas, senhora Abadessa, se houvesse só boas ovelhas, não era virtude ser pastor. — O homem que tem entrado de noite neste mosteiro é um oficial francês. Chama-se Noel Bouton, conde de Chamilly e de Saint Leger. Há uma freira que o recebe na sua cela. É preciso saber quem essa freira é, — e apartá-la da comunidade.

A Abadessa, *erguendo-se:*

Sóror Simôa! Mande tanger a capítulo!

O Bispo

Não. Para quê? Não lancemos inutilmente o alvorôço e o escândalo no mosteiro. — Vamos devagar, senhora Abadessa.

A Abadessa

Chamam-se as madres discretas! Chamam-se as jerarquias do convento! Mete-se num cárcere a ovelha leprosa, com os pés no olhal do cepo! *(Chamando, trémula de indignação).* Sóror Agostinha!

O Bispo, *com serenidade:*

Também não. — Êsse hábito é grande de mais, para que o respeitemos ainda nas freiras que o desonram!

A Abadessa

Então como quer Vossa Reverência que se faça justiça?

O Bispo

Com caridade. *(Muito calmo.)* Precisamos, antes de tudo, de saber quem é a freira culpada.

A Abadessa

Mando esta noite pôr vigias e escutas no mosteiro, — e hei-de apanhá-la!

O Bispo

Inútil. O senhor de Chamilly sai hoje de Beja, a caminho da côrte.

A Abadessa

Como sabe Vossa Ilustríssima?

O Bispo

Por êle próprio. *(Desdobrando o papel que tem na*

mão.) Esta carta é dêle. Escrita a um amigo, e perdida na explanada do quartel de cavalaria de Briquemont. O senhor de Chamilly parte para França. — Não me atrevo a lêr a Vossa Reverência as palavras com que êle se refere a êste santo mosteiro!

A ABADESSA, *atarantada, com os óculos no nariz:*

Valha-me Deus, que não acho os óculos!

O BISPO

Conta que teve trato amoroso com duas mulheres em Beja. Uma môça solteira da rua do Touro, que cantava bem á viola e que lhe deu um filho, e uma freira dêste Real Mosteiro da Conceição.

A ABADESSA

Meu rico mosteiro onde eu vivi cincoenta e dois anos! Quem te havia de vêr estalagem de franceses!

O BISPO

Releve-me Vossa Reverência a profanidade destas palavras.

A ABADESSA, *vendo a carta:*

Não diz o nome da freira?

O Bispo

Não diz o nome. — O senhor de Chamilly teve ainda êsse resto de nobreza! — Vossa Reverência não suspeita de nenhuma das religiosas?

A Abadessa

Não, senhor Bispo. — Umas mais do que as outras, todas são virtuosas e reformadas.

O Bispo

Sabe se o senhor de Chamilly tem visitado alguma freira na grade dêste convento?

A Abadessa, *chamando*:

Sóror Simôa. *(A donata aproxima-se)*. Tem vindo algum oficial francês à roda ou à grade?

Sóror Simôa

Oficial francês? — Não dou fé, reverenda Madre.

O Bispo, *a* Sóror Simôa:

É a rodeira?

Sóror Simôa

Mínima serva de Vossa Ilustríssima.

O Bispo

Não se lembra de ter vindo aí um oficial môço, loiro, calções vermelhos de berri de França, um cachimbo na bôca?

Sóror Simôa

Não tenho ideia, senhor Bispo.

O Bispo

Admira que êle não tenha vindo à grade.

A Abadessa, *recordando-se, subitamente:*

Sóror Agostinha! — (Sóror Agostinha *desce*). Quem eram as duas freiras que estavam ainda agora aqui, com as candeias apagadas, quando a comunidade passou para o côro?

O Bispo

Aqui?

Sóror Agostinha

Sóror Inês de Jesus e Sóror Mariana Alcoforado, reverenda Madre.

O Bispo

Estavam aqui duas religiosas quando Vossa Reverência passou para o côro?

A ABADESSA

Naquele canto. É capaz de ser alguma delas.

O BISPO

Ao pé do eirado?

A ABADESSA

De luzes apagadas. — Quando eu vinha andando, alevantaram-se-me duas sombras diante da minha candeia. Quem vive? — perguntei eu. Respondeu primeiro uma, depois a outra. Que iam para os ofícios divinos, e que o vento lhes tinha apagado as candeias.

O BISPO, *com estranheza.*

O vento? — Mande Vossa Reverência chamar essas duas freiras.

A ABADESSA, *a* SÓROR AGOSTINHA *que se curva e sai pela D. alta:*

Sóror Mariana e Sóror Inês que venham à presença do senhor Bispo.

O BISPO

São freiras môças?

A Abadessa

Muito môças, e ambas de véu preto.

O Bispo

Vossa Reverência não lhes perguntou porque não tinham descido com a comunidade?

A Abadessa

Não me recordo.

O Bispo

Não notou qualquer perturbação em alguma delas?

A Abadessa

Vejo pouco.

O Bispo

Dormem ambas na mesma cela?

A Abadessa

Em celas pegadas.

O Bispo

É preciso recolher já todos os papeis dessas duas religiosas.

A ABADESSA

Sóror Simôa. Vá às celas de Sóror Mariana e de Sóror Inês, e traga todos os papeis que lá achar. — Revolva tudo. Os arqui-bancos e os catres. *(Baixo, ao* BISPO, *vendo assomar na D. alta* SÓROR MARIANA *e* SÓROR INÊS, *seguidas da leiga* AGOSTINHA). Ali estão elas.

SÓROR SIMÔA *sái pela E. alta.*

O BISPO, *baixo à* ABADESSA, *olhando as duas freiras, que se curvam de longe numa vénia:*

Sóror Inês de quê?

A ABADESSA

De Jesus.

O BISPO, *chamando:*

Sóror Inês de Jesus. (SÓROR INÊS *desce e curva-se ligeiramente diante do* BISPO). Vossa Reverência é a freira que costuma tocar cravo nas comédias do convento?

SÓROR INÊS

Sou eu, senhor Bispo.

O BISPO, *observando-a, fixamente:*

Estou-a reconhecendo. *(Chamando a outra freira).* Sóror Mariana Alcoforado. (SÓROR MARIANA, *muito*

pálida, avança até junto de SÓROR INÊS *e curva-se diante do* BISPO). É da família dos Alcoforados de Beja?

SÓROR MARIANA

Sim, senhor Bispo.

O BISPO

Tenho ideia de que assinei no ano passado uma provisão dispensando-a do refeitório e das disciplinas de comunidade. Vossa Reverência estava, então, doente. — Qual é a doença de Vossa Reverência?

SÓROR MARIANA

Acidentes.

O BISPO, *observando* SÓROR MARIANA:

Acidentes?

SÓROR SIMÔA, *voltando com dois maços de papeis de solfa e breviários, que entrega à* ABADESSA:

De Sóror Inês. — De Sóror Mariana.

O BISPO

Vossas Reverências estavam ambas aqui, ainda agora, quando a comunidade passou para o côro? *(Si-*

lêncio das duas freiras). Estavam aqui, não é verdade?

SÓROR INÊS, *depois de novo silêncio, vendo que* SÓROR MARIANA *não responde:*

Sim, senhor Bispo.

O BISPO

A comunidade costuma descer para os ofícios de prima logo que o sino toca? *(Silêncio).* Não é verdade?

SÓROR INÊS

Sim, senhor Bispo.

O BISPO, *emquanto a* ABADESSA *examina os papeis:*

Por conseguinte, Vossas Reverências já andavam levantadas quando o sino tocou. *(Silêncio).* Evidentemente, — já andavam levantadas. *(Silêncio).* Que tinham Vossas Reverências que fazer pelo mosteiro, quando todas as religiosas dormiam?

SÓROR INÊS, *balbuciando.*

Íamos para o côro.

O BISPO

Sòzinhas? — E levavam as candeias, como manda a regra?

SÓROR INÊS, *numa progressiva angústia:*

Sim, senhor Bispo.

O BISPO

Acesas?

SÓROR INÊS

Acesas.

O BISPO

Então por que foi que as apagaram? *(Silêncio).* Porque as apagaram?

SÓROR INÊS

Foi o vento que as apagou.

O BISPO

Foi o vento que apagou ambas as candeias?

SÓROR INÊS

Sim, senhor Bispo.

O BISPO

E porque não apagou o vento as candeias das outras religiosas que passaram depois?

A ABADESSA, *intervindo:*

Sim, porque não apagou o vento as candeias das outras religiosas que passaram depois?

O BISPO

Naturalmente, porque só havia vento no eirado. — Vossas Reverências foram àquele eirado? *(Silêncio)*. Foram àquele eirado?

SÓROR INÊS, *hesitante:*

Não, senhor Bispo.

O BISPO

Noto que é Vossa Reverência sempre que me responde. — Porquê?

SÓROR MARIANA

Fui eu que apaguei a luz da minha candeia.

O BISPO

Vossa Reverência? — Então em que ficamos? — Foi vossa Reverência ou foi o vento?

SÓROR INÊS, *adivinhando o impulso de* SÓROR MARIANA *para denunciar-se, encobre-a com o corpo, agarra-lhe dissimuladamente a mão num movimento nervoso, suplica-lhe, baixo:*

Mariana! Pelas divinas chagas, não te atraiçoes!

A ABADESSA, *ao* BISPO, *observando-as:*

É uma delas.

O BISPO

É uma delas. Mas qual? — Que há nos papeis?

A ABADESSA

Nada. Papeis de solfa e os breviários.

SÓROR INÊS

Que ordena mais Vossa Ilustríssima?

O BISPO

Um momento. — Alguma de Vossas Reverências conhece o oficial francês conde de Chamilly e de Saint Leger?

SÓROR INÊS

Não, senhor Bispo.

A ABADESSA, *dirigindo-se a* SÓROR MARIANA, *que* SÓROR INÊS *encobre:*

E Vossa Caridade também não o conhece?

SÓROR INÊS, *suplicando, a mão crispada no hábito de* SÓROR MARIANA:

Mariana!

SÓROR MARIANA, *numa tortura:*

Também não.

O BISPO

Pois o senhor de Chamilly esteve esta noite no convento à hora a que Vossas Reverências andavam levantadas, e saíu por êste eirado ao tocar do sino para a hora de prima, precisamente quando Vossas Reverências estavam aqui. — Pesa sôbre a cabeça de ambas mais do que a suspeita: a certeza. Uma de Vossas Reverências desonrou o hábito que veste. Qual das duas foi?

A ABADESSA

Recolhem-se ambas ao cárcere! *(Chamando).* Madre rodeira!

O BISPO

Não. Há aqui uma inocente.

SÓROR INÊS, *baixo, a* SÓROR MARIANA:

Silêncio!

SÓROR MARIANA, *num êxtase doloroso*

Que delícia sofrer por êle!

O BISPO

Vossas Reverências não respondem? *(Silêncio).*

Qual das duas recebeu esta noite, criminosamente, o senhor de Chamilly? — Êle próprio o diz nesta carta. Há uma freira do mosteiro da Conceição que o recebe de noite na cela!

A ABADESSA, *observando-as, fixamente:*

Leia Vossa Ilustríssima a carta...

O BISPO

Vejam Vossas Reverências por onde anda a honra de um dos mais nobres mosteiros de Portugal! *(Lendo a carta, devagar).* «Sigo esta madrugada para Alvito com a minha companhia de cavalos. Embarco depois para França...»

SÓROR MARIANA, *num murmúrio imperceptível:*

Noel!

O BISPO, *que continua a lêr e a observá-las:*

«Já sinto a falta de Versailles, do regimento de Mazarin e das mulheres de Paris. As portuguesas enfastiam-me de morte...»

SÓROR MARIANA, *num soluço:*

Noel!

O Bispo

«Deixo aí duas em Beja. Uma freira do mosteiro da Conceição, que me recebia de noite no convento, e uma mulher da Rua do Touro, que me deu há três dias um filho...»

Sóror Mariana, *num grito de dôr:*

Noel!

Sóror Inês, *querendo detê-la, baixo:*

Mariana, que te perdes!

Sóror Mariana, *atirando-se para o* Bispo *e arrancando-lhe a carta das mãos:*

Não! Mentira! Mentira, senhor Bispo!

O Bispo, *erguendo-se, com dignidade:*

Sóror Mariana!

Sóror Mariana, *desdobrando a carta nas mãos convulsas:*

Mentira! Isto não está escrito aqui! Não foi a tua mão que escreveu isto, Noel! *(Querendo lêr, os olhos turvos de lágrimas).* Noel! Porque me fugiste tu? Porque me enganaste tu? Porque me mataste tu? *(Soluçando e beijando a carta.)* Noel! Noel!

O BISPO, *a* SÓROR MARIANA:

Foi então Vossa Reverência que recebeu na sua cela o senhor de Chamilly?

A ABADESSA

Foi Vossa Caridade?

SÓROR INÊS

Mariana! Pelas cinco chagas!

SÓROR MARIANA

Fui eu! — Gritem a todo o mosteiro que fui eu! Perdida já eu estou. Perdida de corpo e alma! Perdida porque êle me fugiu! Noel! *(Numa agonia voluptuosa).* Se tu soubesses como é bom sofrer por ti! Faze padecer mais, mais ainda, a tua pobre Mariana! — Noel! — Oh! minha mãe! Minha mãe! Porque não me enjeitaram antes? Porque não me afogaram? Porque não me estrangularam no berço? Matassem-me, como se faz às crias das cadelas que as mães enjeitam! Mas não me enterrassem viva! Mas não me vestissem esta mortalha que me sufoca! Mas não me metessem neste inferno! *(Ouvem-se os clarins do esquadrão de* CHAMILLY. MARIANA *atira-se como doida, os braços erguidos, para a janela de rótulas do F.)* Noel! Meu amor! Quebra-me estas grades! Tira-me desta prisão! Leva-me contigo! Eu quero viver! *(Num grito estri-*

dente). Noel! Noel! *(Cái desamparada no chão de tijôlo, braços abertos, hirta).*

SÓROR INÊS, *lançando-se, num grito, sôbre o corpo de* MARIANA:

Mariana!

As donatas SÓROR SIMÔA *e* SÓROR AGOSTINHA *aproximam-se.*

O BISPO

Um acidente.

SÓROR INÊS

Mariana!

A ABADÉSSA, *ao* BISPO:

Que ordena Vossa Ilustríssima?

O BISPO, *comovido:*

Que a tratem com amor. Deus ouviu-a. E perdoou-lhe.

Ouvem-se mais perto os clarins. A manhã esplende. O pano cái, rápido.

1 5/3